

II

AS PROFECIAS E SEUS INTÉPRETES

"Cada cabeça sentença". A prevenção até de ministros protestantes e padres católico-romanos contra os que estudam as profecias, taxados de loucos, visionários ou maníacos.

No complexo conjunto dos numerosíssimos eventos de que se acha densamente pontuada a História Universal, como um céu profusamente estrelado em noite escura, parece, como já acentuámos, humanamente absurdo procurarmos reunir todos os acontecimentos que de qualquer forma se achem entrelaçados através dos séculos e fôrmen dentro destes uma como figura completa ou panorama definido ou que, ainda similhantemente aos astros — se nos permitem o símile — façam parte de uma mesma constelação histórica ou de um mesmo sistema planetário profético-social.

Isto, que aos homens se afigura inteiro absurdo, é pela Bíblia coisa perfeitamente possível. Ninguém, naturalmente, ha de supor que indivíduos quaisquer, sem prévios estudos, ou mesmo sábios, sem aparelhos, possam perscrutar e discernir no céu, entre milhões de lúses, os astros componentes deste ou daquele sistema planetário, ou, ainda, calcular e verificar trajetórias e distâncias destes ou daqueles corpos. A imensa maioria dos homens é desconhecedora dos menores rudimentos de Astronomia. Entretanto, ninguém jamais duvidou das previsões dos astrônomos, ou pôz em dúvida a sua integridade mental em face das suas afirmações categóricas: elas se baseiam, como é sabido, em fórmulas absolutamente científicas e das mais exatas; são confirmadas quotidianamente na prática, embora não possam ser verificadas pelo povo, a não ser, já se vê, no tocante aos acontecimentos meridianamente palpáveis, como sejam a ocorrência de um eclipse ou o aparecimento de um cometa. Muitas previsões de eminentes astrônomos têm falhado, sem que, por isso, hajam eles caído em desprezo. Em se tratando, porém, de profecia, que ninguém estuda nem procura estudar, o caso muda inteiramente de figura: os intérpretes são desde logo, até por ministros protestantes e padres, chamados loucos, visionários ou maníacos. Os casos numerosíssimos de admirável superposição de fatos e ciclos históricos às previsões proféticas, são todos eles tidos em conta de mera coincidências ou miragens, não obstante a sua evidência cristalina.

Isto por quê? Porque, dizem:

1.º) a interpretação das profecias e seu cumprimento sómente se verificam "à posteriori";

2.º) porque estão elas expostas por meio de símbolos tão obscuros e vagos que, a cada indivíduo, é lícito interpretá-las a seu modo, de forma a nunca se chegar à conclusão de qual seja a verdade ou de quem esteja com ela.

Estas objeções e afirmativas dos incréus e dos cristãos paradoxais são verdadeiramente pueris:

1.º) porquê as profecias podem ser interpretadas "à priori", conforme demonstraremos;

2.º) porquê o seu cumprimento se verifica dentro de ciclos rigorosamente astronômicos;

3.º) porque "nenhuma profecia é de particular interpretação", conforme o afirma o apóstolo S. Pedro (capítulo II:20/21, da sua II Epístola); na própria PALAVRA DE DEUS se encontram as normas iniludíveis dessa interpretação;

4.º) porquê, posto sejam as profecias aparentemente complicadas, não devem ser elas desprezadas, como desprezada não pode ser, por exemplo, ainda a Astronomia, cujo estudo e fórmulas são inacessíveis à imensa maioria dos homens.

Ora, se demonstrarmos, como pretendemos fazê-lo neste livro, que as profecias se cumprem no tempo e no espaço dentro de ciclos astronômicos absolutamente desconhecidos ao tempo em que foram formuladas pelos profetas, não chegaremos, maravilhados, à conclusão de que, de fato, representam elas a infinita sabedoria de DEUS?